

As múltiplas alternativas de Zambra

Rochele Cristine Bagatini*

O mercado editorial geralmente exige dos escritores um certo padrão nas obras, algumas vezes limitando experimentações e sacrificando a originalidade. As raras vezes em que é concedido ao autor modificar um modelo de projeto literário é, provavelmente, porque se trata de um autor consagrado, capaz de realizar tal ousadia com a confiança necessária para que a obra suplante a forma e comunique. Ou, melhor ainda, que ela seja parte na construção da reflexão. O chileno Alejandro Zambra propõe esse desafio em **Múltipla Escolha**¹, e aceita o risco. Subvertendo a forma tradicional a fim de contestar o modelo educacional chileno, e como consequência o latino-americano, ele usa um modelo de prova de vestibular padrão múltipla escolha para suportar sua prosa poética.

Facsimil: livro de ejercicios², ou **Múltipla escolha**, na tradução brasileira, tem gênero literário indefinido, ainda que seja na maioria das vezes classificado como romance. Mesclando um tanto de prosa nas questões mais longas e de interpretação, com um pouco de poesia nas alternativas que contém apenas uma palavra ou quando faz anagramas entre diferentes enunciados, o livro tem o formato de uma prova de gramática, sem qualquer introdução a não ser os enunciados de cada caderno que compõe a prova. Baseado na estrutura da Prova de Aptidão Verbal aplicada no Chile de 1967 a 2002, o livro é composto por noventa questões distribuídas em cinco blocos. Uma prova bastante similar à brasileira para ingresso no vestibular.

Com base nesta estrutura, o escritor propõe reflexões para além das que se referem à crítica ao programa educacional, ainda que essa seja a principal chave para a compreensão do texto. O tema desenrola-se em outras direções que fazem da prova um reflexo não apenas do que estava sendo vivido, e que havia sido construído para a educação durante aqueles anos - e neste momento Zambra toca mais uma vez no tema da ditadura militar - mas também, na repercussão desse tipo de educação para a sociedade contemporânea. A sua geração, geração instruída via múltipla escolha, foi educada para encontrar o mecanismo por trás da questão, para tentar entender a malandragem, para não cair na pegadinha. Nas palavras de Zambra, “o sistema moldava os estudantes com a ideia de que só existia uma resposta correta, ao responder essas questões procurávamos entender essa estrutura, encontrar a pegadinha”.³ (ZAMBRA, 2017)

A prova inicia de maneira abrupta e já no primeiro bloco, chamado *Palavra destoante*, é necessário escolher a alternativa que destoa do enunciado. Nesta parte, percebe-se o tom sarcástico e a ausência de gabarito que permeará todo o livro. Zambra liberta a necessidade da escolha única, não será uma prova como as outras que lhe serviram de base; ele exigirá um leitor disponível para questionar-se:

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Escrita Criativa, Letras. Membro do Grupo Permanente de Estudos de Literatura e Escrita (GPELE).

1 ZAMBRA, Alejandro. **Múltipla Escolha**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

2 Para o cotejo com o texto original usei a edição lançada pela editora argentina Eterna Cadencia em 2015.

3 Em entrevista sobre o livro a Álvaro Costa e Silva, para o jornal Folha de São Paulo, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/05/1885551-literatura-esta-ligada-a-desordem-diz-escritor-chileno-alejandro-zambra.shtml>.

18) FAMÍLIA

- a) familiares
- b) herdeiros
- c) sucessores
- d) alfajores
- e) pedofilia (ZAMBRA, 2017, p. 12)

O segundo bloco, *Plano de redação*, propõe selecionar a alternativa que corresponde à melhor sequência de frases, entretanto a ordem não influencia o resultado:

28) Sua casa:

- 1. Pertence a um banco, mas você prefere pensar que é sua
 - 2. Se tudo correr bem vai terminar de pagá-la em 2033
 - 3. Mora nela há onze anos. Primeiro com a família, depois com alguns fantasmas que também já se foram
 - 4. Não gosta do bairro; não há praças por perto, o ar é poluído
 - 5. Mas ama a casa, nunca vai abandoná-la
- A) 2-3-4-5-1
 - B) 3-4-5-1-2
 - C) 4-5-1-2-3
 - D) 3-1-2-4-5
 - E) 1-2-4-3-5 (ZAMBRA, 2017, p.16)

A narrativa em segunda pessoa, presente em todo bloco, convoca, perturba, mas é difícil definir se é mesmo um narrador, se há narrador no livro, se são muitos, se é Zambra, ou se é o professor que aplica a prova. Ainda que a tentativa se mostre inócua, a ambiguidade levanta uma das discussões possíveis sobre sua categorização: existe romance com narrador ausente ou indefinido?

O terceiro bloco, *Uso de conjugações*, solicita ao leitor que complete as lacunas. Esse é o bloco mais prejudicado pela tradução. Em alguns momentos as escolhas do tradutor brasileiro Miguel Del Castillo comprometem em demasia o arranjo arquitetado pelo chileno. Um exemplo disso são as questões 40 e 42, que foram substituídas por questões sem conteúdo político, algo essencial no trabalho do autor. Nesse exemplo, os enunciados justapostos na versão original formam uma frase atribuída ao general Pinochet: “40. Los estudiantes van a universidad a estudiar, no a pensar”; “42. y si les quedan energías, para eso está el deporte” (ZAMBRA, 2015, p. 40).

No mesmo bloco, foram subtraídas outras questões, talvez pela aparente semelhança. No entanto elas expõem um complexo jogo de possibilidades tramado pelo autor. São enunciados similares como “44. ___ los hombres esto es imposible, ___ Dios todo es posible (...) 45. Para ___ esto es imposible, pero para ___ todo es posible (...) 46. Para ___ esto es imposible, pero para ___ todo es posible” (ZAMBRA, 2015, p. 42-43), em que as alternativas variam em sucessivas distintas, multiplicando sentidos e contradições. As questões substituídas na versão em português têm tom galhofeiro e destoam do conjunto orquestrado pelo chileno.

O quarto bloco, *Eliminação de orações*, ganha consistência com muitas alternativas e frases longas formando opiniões complexas sobre a ditadura e relações familiares disfuncionais. Há situações inusitadas, como a do filho do Manuel Contreras, chefe da polícia secreta durante o regime militar. Em quatorze longas alternativas em primeira pessoa acontece uma autoanálise tocante do filho que carrega o mesmo nome do general sanguíneo.

O último bloco, *Compreensão de texto*, abrange quase a metade do livro. A partir de três narrativas curtas e independentes os exercícios se abrem para questões elaboradas. O texto n.º 1 é o que

desenvolve a ideia por trás da forma de prova, e explicita a crítica ao sistema educacional. A história dos irmãos gêmeos Covarrubias, contada por um ex-professor de religião a seus ex-alunos, é uma trama quase lúdica sobre a amizade entre irmãos, até que um se passa pelo outro, e, portanto, por cima de todos os outros, para que cursem a mesma faculdade.

Nos outros dois contos, as idiossincrasias de Zambra predominam: homens narrando em primeira pessoa e são escassas as mulheres. O segundo texto conta a história de um desses homens. A partir do dia do seu casamento, vai-se desenrolando um drama sobre casar em um país cuja lei do divórcio⁴ chegaria muito mais tarde do que a necessidade do protagonista. O conto que encerra o livro é uma carta de um pai ao filho sobre a decisão de tê-lo, uma inóspita e cômica metáfora com um cachorro. O melhor momento acontece nas alternativas, em que o leitor ocupa o papel do filho, e vai explorando sentimentos contraditórios sobre o pai: vergonha, pena, raiva, indiferença. Em todo o livro, mesclam-se os temas da educação e da política com assuntos conhecidos do universo do autor: relações familiares, a infância e a chegada à adolescência, incompetências e impotências, solidão e culpa.

Curiosamente o esquema com alternativas de múltipla escolha provoca sensação antagônica à de limitar, permitindo um caleidoscópio de reflexões sobre um mesmo tema. O descompromisso pela escolha de uma das alternativas faz com que várias, em ocasiões distintas, possam estar corretas, ou várias possam estar erradas, desta maneira a forma hermética expande a consciência, pois torna a mente capaz de entrar por diversos caminhos de reflexão. As múltiplas alternativas não se mostram problemáticas; ao contrário, neste caso, não existe necessidade de escolher apenas uma, assim como nos regimes totalitários, onde só existe uma ação correta.

A falta de um elemento condutor do enredo, a ausência de ou a multiplicidade de narradores, os assuntos sendo jogados e reciclados a cada bloco, sem aparente progressão narrativa poderiam fazer o leitor desistir pelo caminho, e a experiência naufragar, mas isso não acontece. Há uma explosão de histórias e pensamentos que vão sendo conectados e amplificados, um “quebra-cabeças” que aos poucos vai se revelando, construído com palavras que parecem buriladas à exaustão, para um leitor capaz de se entregar. Talvez um ‘leitor-modelo’ como definiu Umberto Eco em **Seis passeios pelos bosques da ficção**, “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p.15).⁵ Estabelecida a conexão, a forma diminui de importância e a obra ganha dimensão real. Zambra diz em entrevista⁶ sobre o livro: “não gosto do experimental pelo experimental, de se escrever um livro apenas porque ninguém ainda o havia escrito (...) escrevo para descobrir coisas, fazer perguntas novas, seguir em frente. (ZAMBRA, 2017).

As questões de **Múltipla escolha** questionam. A corajosa experiência é um relato cruel dos desdobramentos ocasionados por uma educação que não priorizou o saber, mas a vantagem, a malandragem, e reflete uma sociedade insegura, competitiva e frustrada. Mas Zambra vai além; ele revela não só as formas autoritárias chilenas de poder, que podem se estender a toda América Latina, mas abre um importante debate sobre as formas literárias dominantes, e sobre a própria escrita.

Alejandro Zambra é chileno, mas vive no México. Com 42 anos, é escritor, professor, ensaísta e poeta. No Brasil, os livros anteriores **Bonsai** (2012), **A vida secreta das árvores** (2013), **Formas de voltar para casa** (2014), e **Meus documentos** (2015), foram lançados anteriormente pela Cosac Naify.

Recebido: 15/01/2018

Aceito: 30/04/2018

⁴ O Chile só legalizou o divórcio em 2004.

⁵ ECO, Humberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁶ Em entrevista à Ubiratan Brasil para o jornal Estado de São Paulo, disponível em <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,todos-os-livros-que-valham-a-pena-sao-experimentais-diz-alejandro-zambra,70001841341>.

